

Literatura e Afeto: clubes de leitura como comunidades de sentido

Literature and Affection: reading clubs as communities of meaning

Raquel Figueiredo Barretto¹

1 <https://orcid.org/0000-0002-7589-4366>, Universidade Estadual do Ceará,
raquelfbarretto@gmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar a experiência dos clubes de leitura femininos como comunidades de sentido, evidenciando seu papel na construção de redes de afeto, promoção da leitura e fortalecimento do feminino. Adotando uma abordagem qualitativa, de natureza descritivo-analítica, a pesquisa se fundamenta nos pressupostos dos estudos culturais (Freire, 2020) e na concepção de comunidades interpretativas (Fish, 1980) dialogando ainda com referenciais sobre literatura (Alcântara, 2022), gênero (Barretto, 2024) e mediação tecnológica (Williamson, 2024). A metodologia adotada foi um estudo de caso múltiplo, envolvendo clubes de leitura femininos presenciais e virtuais. Foram analisados três clubes de leitura femininos (Atlas do Feminino, Mulheres, Livros e Vinhos e Um Livro Me Disse), com base em 23 entrevistas e observações de 5 encontros virtuais/presenciais. A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante, análise das interações e entrevistas semiestruturadas com as participantes. Os dados foram submetidos à análise temática, identificou-se categorias relacionadas às práticas de leitura compartilhada, afetividade e construção coletiva de sentido. Os resultados desse estudo apontam para a importância dos clubes de leitura como espaços de resistência cultural, mediação literária e fortalecimento de redes femininas de apoio.

Palavras-chave. Literatura; Empoderamento feminino; Clubes de leitura; Redes de afeto.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the experience of women's book clubs as communities of meaning, highlighting their role in building networks of affection, promoting reading, and empowering women. Adopting a qualitative, descriptive-analytical approach, the research is grounded in the assumptions of cultural studies and the concept of interpretive communities, while also engaging with references on literature, gender, and technological mediation. The methodology adopted was a multiple case study, involving in-person and virtual women's book clubs. Data collection was conducted through participant observation, interaction analysis, and semi-structured interviews with participants. The data were subjected to thematic analysis, seeking to identify categories related to shared reading practices, affection, and the collective construction of meaning. The results of this study highlight the importance of book clubs as spaces for cultural resistance, literary mediation, and the strengthening of female support networks.

Keywords. Literature. Female empowerment. Book clubs. Networks of affection.

1. INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, marcado pela mediação tecnológica e pela fragmentação dos vínculos sociais, os clubes de leitura femininos têm se configurado como espaços de resistência, como ponto de encontro, de acolhimento e também de formação identitária. Nessas comunidades, a literatura não apenas circula como objeto estético (esse trabalho a crítica literária se encarrega de fazer), mas também como instrumento de diálogo, de escuta e de construção de redes de afeto mesmo. (Salomão e Saldanha, 2021).

Nesse sentido, compreende-se por clube de leitura ou grupo de leitura¹ compreende-se um conjunto de pessoas que se reúnem periodicamente com o objetivo de ler, refletir, interpretar e discutir textos literários (ou não-literários) em comum. Esse tipo de grupo envolve interação social, práticas dialógicas, onde os participantes trazem suas compreensões individuais e, através do diálogo, constroem interpretações compartilhadas ou diversificadas. (Veronese, Javarez e Nadal, 2019)

Além disso, esses clubes de leitura, ao se configurarem em espaços distintos, revelam diferentes propósitos e práticas, seja no contexto educacional, seja no não formal. Em contextos educacionais, onde esse movimento é uma prática pedagógica bastante comum, os clubes de leitura são estruturados para promover habilidades como compreensão de leitura, pensamento crítico, consciência metalinguística, autonomia do leitor e engajamento leitor. A literatura vira pretexto mesmo. Esses grupos configuram-se como ambientes de apropriação sociotécnica de saberes, em que a leitura literária funciona como elaboradora de sentidos coletivos e sujeitos intersubjetivos. (Schmitz-Boccia, 2012)

Nos ambientes não-literários, excetuando-se os vieses pedagógicos acima mencionais, os clubes ou grupos de leitura têm (quase) as mesmas características.

Os clubes de leitura femininos representam um importante movimento contemporâneo, uma vez que são espaços que promovem educação informal, práticas interpretativas compartilhadas e redes de apoio entre mulheres, conforme Fotheringham, (2023) e Long (2003).

No contexto brasileiro, há uma expansão significativa desses grupos, como mostra o mapeamento da UFMA (Alcântara, 2022). Entretanto, ainda são escassos os estudos que investigam como esses grupos fortalecem a participação das

¹ Nesta pesquisa, grupos e clubes de leitura são nomes empregados como sinônimos.
Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6 n. 1, p. 1-18, 2025.
<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v6i1.8826>.

mulheres na produção de sentidos, estimulam práticas de leitura crítica e contribuem para a constituição de comunidades interpretativas.

Em uma rápida busca em rede social, foram localizados grupos/clubes de leitura femininos. Os principais clubes identificados estão sintetizados na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Coletivos femininos²

Nome	Perfil em rede social	Breve descrição do grupo
Leia Mulheres	@_leiamulheres	Leitura de obras escritas por mulheres.
Clube do Livro Feminista	@clubedolivrofeminista	Literatura com recorte feminista.
Ladies Who Lit	@ladies_who_lit	Curadoria de leituras femininas.
Clã das Pretas	@cladaspretas	Leituras de autoras/negras, com leituras coletivas.
Mulheres que Escrevem	@mulheresqueescrevem	Produção cultural e encontros literários.
Mulherio das Letras	@mulheriodasletras_oficial	Coletivo literário feminista com atuação ampla.
Mulheres, Livros e Vinhos	@mulhereslivrosvinhos	Coletivo feminino que tem como propósito fomentar o apoio entre mulheres e o empoderamento feminino.
Atlas do feminino	@atlasdofeminino	O Clube do Livro da @marcelaceribelli com a @taglivros.

² Fora os grupos/clubes acima mencionados, há muitos outros, conforme busca realizada na internet: <https://mulher.istoe.com.br/conheca-sete-clubes-de-leitura-conduzidos-por-mulheres>
Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6 n. 1, p. 1-18, 2025.
<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v6i1.8826>.

Clube Um livro me disse	@umlivromedissee	Somos um clube de apaixonadas pela leitura, aqui os livros contam suas histórias e compartilhamos com amor o que o “Um livro me disse”.
Lamparinas	@lamparinascoletivo	Coletivo formado por escritoras e escritores de literatura infantil e infantojuvenil.

Fonte: Autoria própria

Diante do acima exposto, esta pesquisa teve como problemática a seguinte questão: de que modo as experiências coletivas oriundas dos clubes/grupos de leitura feminino articulam literatura, gênero e tecnologia, transformando a leitura em uma prática cultural e social significativa?

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a experiência dos clubes de leitura femininos como comunidades de sentido, evidenciando seu papel na construção de redes de afeto, práticas de leitura crítica e fortalecimento da voz feminina no campo literário. Esta pesquisa teve, ainda, como objetivos específicos os seguintes propósitos: (1) Mapear as dinâmicas de interação nos clubes de leitura femininos, considerando seus espaços presenciais e digitais; (2) Investigar como as participantes ressignificam a experiência literária a partir das trocas afetivas e interpretativas; (3) Identificar de que forma essas comunidades contribuem para a formação de repertórios críticos e para a circulação de discursos literários com perspectiva de gênero.

2. MÉTODO

Foi realizada, no primeiro semestre de 2025, uma pesquisa do tipo estudo de caso múltiplo, com abordagem qualitativo, de natureza descritivo-analítica.

As etapas desta pesquisa foram:

(1) levantamento bibliográfico sobre leitura, gênero, comunidades interpretativas (Fish, 1980), redes de afeto e mediação tecnológica em bases eletrônicas de dados;

(2) Seleção dos grupos de estudo: foram escolhidos três clubes de leitura femininos, com formatos distintos. Os clubes de leitura escolhidos (conforme o critério da conveniência da autora) foram: Atlas do Feminino (<https://www.instagram.com/atlasdofeminino/>), Mulheres Livros e Vinho (<https://www.instagram.com/mulhereslivrosevinhos/>) e Um Livro me disse (<https://www.instagram.com/clubeumlivromedissee/>). O primeiro é completamente remoto, o segundo completamente presencial e o terceiro é híbrido.

A escolha pelos três clubes acima apresentados seguiu conveniência logística (acesso efetivo, autorização e calendário) e pertinência teórica (presença de práticas interpretativas e mediações tecnológicas), assegurando diversidade de formatos para comparação entre contextos (presencial × remoto × híbrido). Essa estratégia permitiu contrastar padrões e enriquecer os achados, mitigando parte do viés da conveniência.

(3) Coleta de dados através da observação participante dos encontros (presenciais ou virtuais); das interações em plataformas digitais utilizadas pelos grupos (WhatsApp, redes sociais, fóruns) e entrevistas semiestruturadas com participantes para compreender percepções sobre leitura, pertencimento e construção de sentido;

Participaram 23 mulheres vinculadas aos três clubes cujo perfil sociodemográfico não fora investigado neste estudo. Os critérios de inclusão das participantes foram: maiores de dezoito anos, participação em pelo menos metade dos encontros no último ano em seus respectivos clubes e aceite do TCLE. Amostra por clube: 7 do clube Mulheres, Livros e Vinho (presencial): 11 do Clube B Atlas do Feminino (remoto): 5 Clube Um livro me disse (híbrido).

Em relação aos procedimentos de coleta dos dados: a observação participante ocorreu em 5 encontros. Os encontros virtuais duram, em média, uma hora e os presenciais duram um pouco mais. As considerações da autora foram registradas em um diário de campo. Acerca das interações digitais: análise de (WhatsApp/Instagram/chat do google meet) no período de janeiro a junho de

2025, focando em frequência de postagens, comentário, tipos de conteúdo. Sobre as entrevistas semiestruturadas: foram realizadas 23 entrevistas registradas em formulário do google forms, abordando trajetórias de leitura, pertencimento, afeto e construção de sentido coletivo.

(4) Para a avaliação dos dados, houve aplicação de análise temática (Bardin. 1977): (i) pré-análise: leitura flutuante, elaboração do corpus e matriz de categorias iniciais práticas compartilhadas; afetividade; construção de sentido; mediação tecnológica; (ii) exploração do material: codificação aberta e agrupamento em temas/categorias; triangulação entre fontes (entrevistas × observação × interações digitais); (iii) tratamento/inferência: construção de núcleos de sentido e contrastes entre casos (presencial × remoto × híbrido).

A pesquisa seguiu os preceitos éticos estabelecidos pelas normas brasileiras aplicáveis às Ciências Humanas e Sociais envolvendo seres humanos, respeitando a Resolução CNS nº 510/2016.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentamos os achados empíricos e sua interlocução com a literatura. Além disso, discutimos diferenças entre formatos presenciais e remotos. Por fim, propomos uma leitura comparativa entre os casos.

De acordo com o estudo de Souza (2018) “praticamente há unanimidade em afirmar que os integrantes dos clubes são, majoritariamente, do gênero feminino, com boa escolaridade e acima dos 30 anos”.

As mulheres que integram os grupos de leitura femininos apresentam um perfil marcadamente eclético e plural, refletindo a diversidade de experiências que carregam em suas trajetórias pessoais, profissionais e culturais: há estudantes em busca de formação crítica, mães que encontram na roda um espaço de acolhimento e troca, pesquisadoras que articulam leitura e produção acadêmica, profissionais de diferentes áreas que veem no livro uma via de expansão intelectual, além de escritoras que compartilham suas próprias criações.

Essa multiplicidade de vivências enriquece os encontros, pois cada leitura é atravessada por olhares distintos e complementares. O perfil heterogêneo dessas mulheres revela não apenas a força do coletivo, mas também como a literatura se

transforma em território comum, onde diferenças geram diálogos e o ato de ler adquire novas camadas de sentido.

E linhas gerais, os clubes de leitura femininos são formatos por mulheres de diferentes faixas etárias, mas, a título de curiosidade, existem grupos/clubes de leitura femininos cuja idade é um fator determinante. É o caso, por exemplo, do Clube de leitura feminino 50+³.

Nos clubes de leitura femininos, considerando seus espaços presenciais e digitais, as dinâmicas de interação diferem um pouco.

Em linhas gerais, quando os clubes de leitura têm encontros presenciais, geralmente ocorrem em bibliotecas, livrarias, escolas, universidades, cafés ou espaços culturais. A frequência mais comum é mensal, para dar tempo de leitura e preparação. As obras podem ser escolhidas pelos organizadores ou pelo grupo (em votação ou com base em listas temáticas, por exemplo: autoras femininas, literatura contemporânea, clássicos). A mediação pode ser feita por um(a) coordenador(a) ou de forma colaborativa, com todos os membros dividindo a condução dos debates. Cada reunião inclui discussão de capítulos, análise de personagens, contextualização histórica e social da obra, além de partilha de impressões pessoais. Os encontros presenciais fortalecem vínculos afetivos, favorecem a troca de experiências e promovem uma dimensão formativa, pois a leitura é socializada.

Vale ressaltar que, por mais que nos clubes de leituras cujos encontros são presenciais, há (quase) sempre um grupo de troca de mensagem (whatsapp ou telegrama) também. Em alguns desses grupos, apenas as organizadoras postam e em outros a interação no grupo é disponibilizada, inclusive com questões que não necessariamente sejam referentes ao livro lido, mas que digam respeito ao universo feminino.

Quando os clubes de leitura têm encontros remotos, são realizados por meio de ferramentas digitais como Zoom, Google Meet, Teams, WhatsApp, Telegram, fóruns ou grupos em redes sociais (ex.: Facebook, Instagram). Maior vantagem desse tipo de grupo é a flexibilidade de acesso, uma vez que permitem a

³ CORREIO DO POVO. Clube de leitura formado por mulheres 50+ inspira livro sobre amizade, escuta e liberdade
Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/bellamais/carreira/clube-de-leitura-formado-por-mulheres-50-inspira-livro-sobre-amizade-escuta-e-liberdade-1.1626824>. Acesso em: 15 set. 2025.

participação de pessoas de diferentes localidades, ampliando a diversidade dos grupos e democratizando a experiência de leitura. Devido a modalidade remota, claro, utilizam recursos como chats para discussão em tempo real, fóruns assíncronos, enquetes para escolha de livros, lives com autores e podcasts complementares. Na Mediação virtual, o(a) mediador(a) atua como facilitador(a) da interação, propondo questões norteadoras, incentivando a participação e organizando calendários de leitura. Diferente dos encontros presenciais, que costumam ser mensais, os clubes online podem ter interações diárias ou semanais, com debates contínuos e partilhas de conteúdo.

Há um aspecto que merece um breve destaque quando se discute a questão desses grupos/clubes de leitura: a questão financeira. Livros, em tese, são investimentos onerosos diante da realidade brasileira. Os encontros presenciais dos grupos ocorrem em espaços que exigem o pagamento de despesas como deslocamento (particular ou público), alimentação (quando o encontro acontece em um restaurante ou cafeteria, por exemplo, espera-se que os membros dos grupos consumam no local). Encontros remotos, por sua vez, exigem uma boa conexão de internet.

Há ainda, um outro aspecto que merece uma breve consideração por parte deste trabalho, é que alguns clubes/grupo de leitura feminino também optam por ler exclusivamente mulheres. Ou seja, não basta apenas ser formado por mulheres, alguns grupos escolhem apenas para ler obras que foram escritas por mulheres. Tal temática foi abordada pelo Dossiê: Ocupando Espaços: Legitimação De Escritoras Brasileiras Contemporâneas (SciELO, 2023).

Os aspectos acima mencionados (financeiro e autoria exclusivamente feminina) não são, originalmente, o foco deste trabalho, mas são aspectos importantes quando se aborda esse movimento dos grupos/clubes de leitura femininos.

A tabela 02 abaixo sintetiza algumas semelhanças e diferenças entre os clubes:

Tabela 2 - Clubes Presenciais X Clubes Remotos

Aspectos	Clubes presenciais	Clubes remotos
Local de encontro	Bibliotecas, livrarias,	Plataformas digitais

	escolas, cafés e espaços culturais	(Zoom, Meet, WhatsApp, Telegram)
Interação	Contato direto, favorece	Interações síncronas e
Mediação	vínculos afetivos imediatos	assíncronas, acessíveis a qualquer lugar
	Coordenador(a) ou membros do grupo de forma colaborativa	Moderador(a) virtual organiza calendários e propõe debates
Participação	Geralmente limitada ao público local	Ampla, permite diversidade geográfica e cultural
Frequência	Reuniões mensais ou quinzenais	Encontros virtuais semanais, além de interações diárias
Recursos de apoio	Leituras coletivas, debates presenciais, material impresso	Chats, fóruns, enquetes, lives, recursos multimídia
Desafios	Limitação de espaço físico e deslocamento	Dispersão da atenção, dependência de recursos tecnológicos
Vantagens	Maior proximidade e construção de laços comunitários	Acessibilidade, flexibilidade de horários e inclusão

Fonte: Autoria própria (2025)

Conforme acima apresentado, embora apresentem características distintas, podem ser compreendidos como formatos complementares na constituição de comunidades de leitura femininas. Os encontros presenciais favorecem a construção de vínculos afetivos e a experiência partilhada da leitura em um espaço físico, fortalecendo o sentimento de pertencimento. Já os clubes remotos ampliam o alcance geográfico, democratizam o acesso e possibilitam a participação contínua por meio de interações mediadas pelas tecnologias digitais.

Os clubes de leitura femininos como espaços de diálogo, pertencimento e construção coletiva de sentidos, reúnem leitoras em torno de obras literárias. Essas comunidades não apenas estimulam a prática da leitura, mas também criam redes de apoio e de partilha simbólica, nas quais a experiência estética se entrelaça com dimensões sociais e afetivas. Nesse cenário, a mediação cultural e a interação entre as participantes favorecem processos interpretativos colaborativos, nos quais a literatura deixa de ser um ato solitário para se transformar em vivência partilhada. É nesse contexto que se observa como as participantes ressignificam a experiência literária a partir das trocas afetivas e interpretativas.

Os achados empíricos a seguir estão sistematizados na Tabela 3, que apresenta como as participantes ressignificam a experiência literária a partir das trocas afetivas e interpretativas.

Tabela 03 - Ressignificações da experiência literária

Experiência nos clubes de leitura ⁴	<p>“achei que seria interessante ter um direcionamento do que ler, poder ter trocas e escutar especialistas sobre os temas. obras escolhidas foram sobre o feminino. quem decide as leituras é a empresa” (Informante H)</p> <p>“Na verdade, eu criei o clube e convidei amigas e pessoas que eu sabia que tinham interesse em leituras, todas são mulheres. Nós escolhemos os livros para cada quatro meses, sendo um por mês e fazemos um encontro mensal, nas segundas quintas-feiras de cada mês e discutimos de forma livre. Preferimos ler autoras mulheres, mas decidimos que eventualmente leríamos autores</p>
--	---

⁴ As falas ‘D’ e ‘H’ convergem para a coparticipação nas escolhas (enquetes/votações), reforçando o caráter horizontal de mediação. Em termos de análise temática, trata-se de um núcleo de sentido que reconfigura a autoridade do texto e da mediadora.

	homens, mas até agora só lemos um homem, mas o gênero não é fechado, já lemos não ficção e ficção. Todas mandam sugestões e depois fazemos uma enquete para escolher, os mais votados serão os próximos quatro livros” (Informante D)
Redes de afeto e construção de sentido ⁵	Percebo um aumento de percepção sobre o mundo e temas principalmente do mundo do feminino, mas também de outros temas, como e outros "mundos" não tão próximos da minha realidade, como relações homoafetivas, transexualidade etc, ampliando a empatia e mudança de comportamento e vigilância da fala. Considero que o grupo fortalece os vínculos afetivos, pois com as trocas e a percepção de que passamos pelas mesmas questões, quase que de forma coletiva por questões estruturais, nos aproximamos nas dores e delícias de ser mulher. As discussões me tornaram mais atenta às questões de formato de escrita, estilo literário, recursos literários, prestar mais atenção nas entrelinhas, no subentendido. (Informante B)
Tecnologia e mediação ⁶	“As ferramentas digitais facilitaram o surgimento e manutenção dos clubes de leitura, principalmente o whatsapp, mas acredito que os encontros presenciais

⁵ O depoimento ‘B’ descreve reconhecimento e espelhamento como gatilhos de pertencimento.

⁶ Menções a WhatsApp, lives e playlists alargam o espaço do clube para além do encontro, criando continuidade interpretativa. Aqui, o digital opera como dispositivo de memória e circulação de sentidos. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6 n. 1, p. 1-18, 2025.
<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v6i1.8826>.

	<p>melhoram a qualidade das discussões e a construção dos vínculos” (Informante M)</p> <p>“Acredito que a ferramenta mais interessante foi a do whatsapp no qual tenho trocas rápidas com outras participantes. ainda não participei de nenhum encontro presencial ou online por questões de tempo” (Informante A)</p>
--	--

Fonte: Autoria própria (2025)

Essas comunidades contribuem para a formação de repertórios críticos e para a circulação de discursos literários com perspectiva de gênero. Além disso, os clubes de leitura femininos configuram-se como espaços de formação leitora e de construção de redes de afeto e pertencimento, articulando-se a práticas de mediação cultural tanto presenciais quanto digitais. Nesse sentido, compreender como a leitura é ressignificada no contexto contemporâneo exige dialogar, sim, com outros estudos sobre tecnologias, multiletramentos e experiências coletivas de leitura.

Na minha opinião, a principal contribuição de um clube de leitura feminino para a vida das mulheres é justamente falar, ouvir, pensar e descobrir sobre o universo feminino e o quanto vivemos algo particular coletivamente, passando por dramas que são quase gerais, repetidos, estruturais e isso é um bálsamo, pois traz um alívio em saber que não está só, que não é louca ou vive de mimimi, e de quebra, cria e/ou aprofunda laços afetivos entre mulheres, que historicamente foram ensinadas a competir. (Informante G)

(...) acredito que o clube de leitura contribui engajando mulheres a se conectarem mais com afinidades em comum e criar uma atmosfera de crescimento e irmandade (Informante F)

A partir das informações prestadas pelas informantes deste estudo, emergiram três categorias temáticas cuja interseção com a literatura científica será abaixo relacionada:

Categoria Práticas de leitura compartilhada. À luz de Bardin (1977), a recorrência de referências à curadoria distribuída e à discussão livre indica o tipo

de encontro de cada grupo em que a mediação se desloca do especialista para o coletivo. Em diálogo com Fish (1980), sobre comunidades interpretativas, a prática reforça que os sentidos emergem da negociação pública entre leitoras, e não de uma leitura canônica isolada.

Categoria Afetividade e pertencimento. As falas acima transcritas apontam ainda a afetividade como infraestrutura da leitura: o vínculo antecede e sustenta a interpretação. Converge com Salomão & Saldanha (2021), leitoras de mundo, e com o eixo freireano (2020) do cuidado como condição para o diálogo.

Categoria Construção coletiva de sentido. A presença de recursos digitais e multimodais materializa a noção de multiletramentos (Williamson, 2024), articulando texto, performance e circulação em rede. Em Fish (1980), isso se traduz em regras interpretativas compartilhadas que se atualizam conforme os repertórios.

Passos, Souza e Souza (2024), ao investigarem a utilização das redes sociais para uma leitura diária, crítica e reflexiva, evidenciam como plataformas digitais (como o Instagram, por exemplo) podem funcionar como espaços de mediação cultural. Essa perspectiva é fundamental para compreender a dinâmica de clubes de leitura femininos que, frequentemente, utilizam redes sociais para organizar encontros e partilhar interpretações.

Dessa forma, os clubes acabam, de alguma maneira, mesmo não sendo este seu propósito fundamental, corroborando para um letramento digital, conforme apresentado no estudo de Barros e Haiashida (2021).

Em outro estudo, realizado pelos mesmos autores acima mencionados, Barros e Haiashida (2022), foram identificados outros letramentos a partir da proposta de um grupo/clubes de leitura: literário e acadêmico, por exemplo.

Para Barretto (2024), o letramento de gênero também é uma consequência, mesmo que indireta, do trabalho desses grupos/clubes de leitura. Lima et al (2024), por sua vez, reconhecem que esses grupo exclusivamente femininos desempenham um papel vital na criação de uma cultura de respeito e igualdade, combatendo a discriminação e a violência de gênero.

De modo complementar, a revisão de literatura realizada por Williamson (2024) sobre inovação curricular e multiletramentos, destaca que a leitura contemporânea não pode ser dissociada das práticas digitais. Tal abordagem é

especialmente relevante quando se observa como as integrantes dos clubes de leitura mobilizam não apenas textos literários, mas também recursos multimodais (vídeos, postagens e debates virtuais). Nos clubes de leitura nacionais, como @atlasdofeminino por exemplo, sempre há lives com personalidades convidadas sobre discutir, juntamente com as participantes do encontro remoto, as questões em torno do livro. Além disso, os organizadores disponibilizam *playlists* que mantenham relação com o livro lido, filmes e demais manifestações artísticas.

Além disso, estudos como o de Ferreira, Muniz e Oliveira Júnior (2020), ao analisarem o uso de sequências didáticas mediadas por tecnologias, demonstram que ferramentas digitais podem fomentar leituras colaborativas e críticas, o que dialoga com a experiência dos clubes de leitura femininos enquanto comunidades interpretativas, nos termos de Fish (1980). Essas comunidades se constroem a partir de práticas de leitura partilhadas, nas quais a construção de sentidos se dá coletivamente.

Por outro lado, pesquisas sobre tecnologias digitais e educação (Kleemanni, Machado & Pereira, 2022) apontam para os desafios relacionados ao acesso e ao uso crítico dessas ferramentas, ressaltando a importância de formações voltadas para práticas pedagógicas inovadoras. Embora focadas no ambiente escolar, tais reflexões também contribuem para pensar a mediação cultural nos clubes de leitura, especialmente no que se refere à inclusão digital e ao letramento crítico.

Assim, ao articular as perspectivas de leitura como prática social, os estudos sobre tecnologias e multiletramentos, e a noção de comunidades interpretativas, é possível compreender os clubes de leitura femininos como espaços de resistência cultural e de produção de sentidos compartilhados, em que a literatura se torna um dispositivo de empoderamento e de formação de vínculos entre mulheres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação evidenciou que esses os clubes/grupos de leitura femininos extrapolam a função instrumental de discussão literária para se

consolidarem como ambientes de construção identitária, partilha de experiências e fortalecimento de vínculos sociais. O que se observou, a partir da pesquisa bibliográfica acima realizada, é que, nos encontros mediados pela leitura, emergem dimensões afetivas que ressignificam tanto a obra quanto a vivência de cada participante mulher, permitindo que a literatura atue como catalisadora de pertencimento e de diálogo.

Ou seja, ao longo da pesquisa, ficou claro que os clubes de leitura operam como comunidades interpretativas, no sentido proposto pela crítica literária, mas também como comunidades afetivas, nas quais o texto serve de ponto de encontro entre subjetividades. O livro, nesse contexto, deixa de ser apenas objeto estético para tornar-se mediador de conversas, memórias e reflexões sobre o cotidiano, possibilitando novas formas de convivência e empatia.

Além disso, os resultados apontam para a relevância de compreender esses grupos não apenas como práticas culturais, mas como experiências educativas e sociais, que ampliam horizontes, fomentam o pensamento crítico e oferecem suporte emocional aos seus integrantes. A literatura, quando compartilhada nos encontros presenciais e/ou remotos, gera sentidos múltiplos e se enraíza na vida concreta, mostrando que ler em conjunto é também um ato de resistência frente ao individualismo contemporâneo.

Por fim, constata-se que os clubes de leitura femininos reafirmam a dimensão coletiva do ato de ler e o papel transformador da literatura na vida social de cada mulher. A afetividade que emerge dessas práticas reforça a ideia de que os livros não são apenas para serem lidos, mas vividos, relidos e sentidos em companhia. Assim, este estudo contribui para a valorização dos clubes de leitura enquanto espaços de cultura, afeto e construção comunitária, ressaltando a necessidade de ampliar pesquisas e políticas que fortaleçam tais iniciativas.

Apesar das contribuições alcançadas, esta pesquisa apresenta limitações próprias de seu caráter: (1) restringiu à análise de obras, artigos e estudos já publicados; (2) contemplar a observação direta ou a coleta de dados empíricos junto a participantes de clubes de leitura conforme o critério de conveniência da autora. Tal abordagem, certamente, limitou a compreensão da complexidade das experiências afetivas vividas nesses espaços.

Nesse sentido, sugere-se que pesquisas futuras avancem para abordagens empíricas, tanto qualitativas quanto quantitativas, por meio de entrevistas, grupos focais ou observações participantes, a fim de captar de forma mais profunda os vínculos afetivos, as interações sociais e os significados construídos coletivamente. Também seria pertinente a realização de estudos comparativos entre diferentes tipos de clubes (presenciais e virtuais, pagos e gratuitos, institucionais e autônomos) para identificar especificidades e convergências em suas práticas. Ademais, investigações interdisciplinares, que articulem literatura, educação, sociologia e psicologia, podem enriquecer a compreensão sobre o impacto desses espaços tanto na formação leitora quanto na constituição de comunidades de afeto e pertencimento.

5. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, J.. **Leitura literária em foco: mapeamento dos clubes de leitura no Brasil contemporâneo**. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/387212194_Leitura_literaria_em_foco_mapeamento_dos_clubes_de_leitura_no_Brasil_contemporaneo. Acesso em: 29 jul. 2025.

BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETTO, R. F.. Grupos de leitura femininos: literatura e empoderamento . **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2024. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v5i1.8373. Disponível em: <https://revista.ufrb.br/repi/article/view/8373>. Acesso em: 15 set. 2025.

BARROS, F. J. de O., & HAIASHIDA, K. A. . (2021). Clube de leitura: aprendizagem em construção. **Ensino Em Perspectivas**, 2(4), 1–11. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6676>. Acesso em: 15 set. 2025.

BARROS, F. J. de O., & HAIASHIDA, K. A. . (2022). Análise dos tipos de letramentos reconhecidos pelos integrantes do Clube de Leitura . **Ensino Em Perspectivas**, 3(1), 1–13. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8910>. Acesso em: 15 set. 2025

FERREIRA, E. M. de O; MUNIZ, D. M. S.; OLIVEIRA JÚNIOR, O. B. Sequências didáticas, tecnologias e aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Médio. **Educação & Formação**, v. 5, n. 14, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/857>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FISH, S.. **Is there a text in this class? The authority of interpretive communities**. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

FOTHERINGHAM, H. **The role of women's reading groups**. *Journal of Perspectives in Applied Academic Practice*, v. 11, n. 1, p. 68–75, 2023. Disponível em: <https://jpaap.ac.uk/JPAAP/article/download/542/638/4207>. Acesso em: 29 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

KLEEMANNI, R; MACHADO, C. C.; PEREIRA, E. C. Tecnologias digitais e educação: desafios no processo de ensino e aprendizagem. **Educação & Formação**, v. 8, n. 2, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/download/14557/13224/68158>. Acesso em: 29 jul. 2025.

LIMA, D.S de; SOUSA, L. L; SANTOS, E. M. Literatura e autoria de mulheres: Práticas extensivas do projeto Clube de Leitura Fridas e Lidas. 2022: **Anais da XIII Feira de Iniciação Científica e Extensão (FICE)**. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/fice/article/view/3861>. Acesso em: 04 de jun. 2025.

LONG, E.. **Women and the uses of reading in everyday life**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

PASSOS, C. E dos; SOUZA, A P M S; SOUZA, A. M. de. Utilização das redes sociais para uma leitura diária, crítica e reflexiva. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, v. 6, n. 3, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14797>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SALOMÃO, P.; SALDANHA, G.. Leitoras de mundo: mulheres e vivências em clubes de leitura. **Revista Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 14, n. 2, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/tpbci/article/download/590/542/1306>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SCHMITZ-BOCCIA, A. Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa. **Revista Veras**, 2(1), 97–113, 2012. Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/veras/article/view/148>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SCIELO. **Dossiê: Ocupando Espaços: Legitimação De Escritoras Brasileiras Contemporâneas** - Apresentação • Estud. Lit. Bras. Contemp. (69) • 2023 . Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/3ZTvYdXjkQpDYRL5RGsK5PG/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

SOUZA, W. E. R. de. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. **Informação & Informação**, 23(3), 673–695. 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 15 set. 2025

VERONESE, C. C; JAVAREZ, J G; NADAL, L M K. Clubes de leitura em movimento: integração nas bibliotecas do IFPR. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/article/download>. Acesso em: 15 set. 2025

WILLIAMSON, S. Inovação curricular e multiletramentos na formação em Letras: uma revisão de literatura (2004–2023). **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, v. 6, n. 3, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14969>. Acesso em: 29 jul. 2025.

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Graduação em Letras e Pedagogia. Especialização em Ensino de Língua Portuguesa. Mestrado em Saúde Coletiva.

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

BARRETTO, R. F. . Literatura e Afeto: clubes de leitura como comunidades de sentido. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2025. DOI: 10.18227/2675-3294repi.v6i1.8826. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/repi/article/view/8826>.

Submetido em: 30/09/2025

Revisões requeridas em: 15/10/2025

Aprovado em: 30/10/2025